

Os muros das escolas já foram derrubados?

Um estudo sobre as ocupações e participação juvenil

As indagações presentes nesse estudo pretendem contribuir para as investigações acerca da participação juvenil na contemporaneidade, a partir do olhar dos jovens como protagonistas da ação de uma ocupação secundarista e dos significados que atribuíram a essa experiência a partir de uma escola de ensino médio na região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Permite também maiores compreensões sobre como os jovens criam significados a partir de experiências como as ocupações e que podem trazer questionamentos acerca dos direitos, das marcações identitárias, da relação juventude escola. Buscamos identificar as possíveis mudanças na percepção dos jovens acerca da participação e representatividade das juventudes nas escolas durante e após as ocupações, em diálogo com as formas de participação juvenil contemporâneas.

O contexto de nosso estudo está conectado à rede nacional de ocupações estudantis secundaristas e universitárias ocorridas ao longo do ano de 2016. Tais ocupações foram uma reação à Medida Provisória de Reforma do Ensino Médio, ao projeto “Escola Sem Partido” (PL190/2015), e à proposta de Emenda Constitucional de congelamento dos gastos sociais do Estado, que ficou conhecida como a “PEC do Fim do Mundo”.

As ocupações de escolas que se espalharam pelo território nacional entre os anos de 2015 e 2016 trouxeram novos personagens à cena social contemporânea: as e os estudantes que ocuparam suas escolas. Almeida e Martins (2018) afirmam que as ocupações aparecem como novas formas de canalizar o descontentamento juvenil. De uma “não aceitação” resignada para uma não aceitação ativa do consenso construído, ou um “não ativo” em contraposição à ideia da política como algo pertencente às elites e não à ação da maioria. A partir do olhar de uma parcela desses jovens que buscamos trazer contribuições acerca da participação juvenil na contemporaneidade brasileira.

O cenário da crise capitalista faz com que a maioria dos jovens dessa geração não tenha mais garantido o acesso aos serviços públicos, aposentadoria e direitos trabalhistas como nas últimas décadas (TARIQ ALI, 2012). Cenário que favoreceu protestos juvenis e mobilizações que despontaram nos protestos no Oriente Médio e em países do norte da África em 2011, atingiram a Grécia, Reino Unido e a Espanha, com o movimento que ficou conhecido como *15M*, o *Yo Soy 123* no México, o levante

estudantil no Chile, o *Occupy Wall Street*. E expressam que para os jovens o capitalismo volta a aparecer como o nome do problema (ZIZEK, 2012). Manuel Castells, analisando movimentos sociais na era da internet, demonstra a forma como essas ocupações expressavam o desejo de uma nova cultura econômica e política, em que a participação da juventude era articulada por meio de redes de solidariedade, assembleias, ação direta e pelo questionamento de lideranças e partidos (CASTELLS, 2013).

No Brasil, a juventude tomaria a frente de um movimento de massas em junho de 2013, seguido do movimento de ocupações de escolas como um fruto legítimo de junho (ORTELLADO, 2016). As diversas linguagens culturais juvenis (como o uso das redes sociais, marcações identitárias como raça, gênero e orientação sexual, expressões simbólicas do HipHop e do funk) contribuem para a formação de um olhar sobre si mesmo e no olhar sobre o outro considerando um espaço de diversidade como o espaço da escola pública (DAYRELL e CARRANO, 2014).

Algumas características da participação e dos questionamentos acerca do próprio movimento protagonizados pelos jovens ocupantes carregam pontos de intersecção com esse movimento contemporâneo internacional. Como a singularidade de cada ocupação (com circunstâncias e personalidades singulares, com uma dinâmica e identidade próprias); a autogestão da ocupação de maneira horizontal como exercício de democracia direta; a intensidade de cada momento com fortes experiências emocionais; a organização das ocupações por comissões; a cooperação e a “união” entre os ocupantes contrastando com o individualismo de época neoliberal; a articulação do movimento por redes (GROPPO, 2016). Característica que nos permite identificar aspectos da participação juvenil em formas que extrapolam os espaços tradicionais de participação.

Visto nossos objetivos escolhemos a metodologia qualitativa desta pesquisa. Bogdan e Biklen apontam como na metodologia qualitativa as questões a serem problematizadas não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, mas à compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação e à busca de significados. Ou seja, o modo como as pessoas dão sentido às suas vidas, criam e recriam significados a partir de suas experiências. Ao apreender a perspectiva dos participantes, a investigação qualitativa por via de entrevistas narrativas joga luz sobre as dinâmicas internas das situações, o que não necessariamente está de antemão

visível para o observador exterior (BOGDAN e BIKLEN, 1994). Nossos sujeitos são os estudantes que ocuparam uma escola na região metropolitana de Belo Horizonte e quais significados criaram dessa experiência durante e após a ocupação da escola. Nossa ênfase está nas variedades das formas de participação juvenil antes, durante e depois da ocupação. O que o que contribui, inclusive, para a reconstrução do fenômeno, ainda que este não seja o centro desta pesquisa.

Escolhemos a realização da pesquisa empírica em uma escola da rede estadual de referência, situada em Contagem, na qual ocorreu a primeira ocupação pelos estudantes na região metropolitana de Belo Horizonte. Consideramos um grupo de entrevistados correspondente à diversidade de formas diferentes de experiências de participação de cada um em atividades culturais e políticas. Garantimos também uma diversidade de gênero, étnico-racial e de orientação sexual. O período em que os jovens permaneceram na escola também foi um critério para garantir uma diversidade nos relatos.

Percebemos que ao longo do período da ocupação a forma de deliberação dos jovens tomou um caráter diferenciado das experiências prévias à ocupação, primando nos dois momentos por formas de auto-organização como assembleias ou pelas chamadas comissões e formas de horizontalidade de organização (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016). Após a ocupação os espaços como o grêmio, o sarau e as assembleias permanecem como formas de participação porém marcadas pela maior autonomia dos estudantes em suas formas de participação na escola.

Percebemos pelo relato dos jovens que os estudantes que compunham o grêmio estudantil foram protagonistas do movimento que levou à ocupação. Porém ao longo da ocupação outros jovens assumem a liderança e também aparece uma mudança de representatividade, havendo maior protagonismo de meninas e LGBT. O movimento também levou a que outros estudantes que não eram da entidade estudantil tivessem protagonismo por via da organização das atividades. Característica de representatividade que permaneceu após a experiência da ocupação.

Apesar das regras e funcionamento da escola não terem sido alteradas qualitativamente após a ocupação, em cada um dos relatos os jovens expressam sentidos que eles atribuíram a partir da experiência da ocupação da escola. Expressam uma marcação forte na vida de cada um. Uma experiência que mudou a maneira dos jovens pensarem, a forma de se sentirem sujeitos capazes de mudanças de causas maiores, em defesa da educação e contra injustiças.

Referências:

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação. Porto: Porto Editora, 1994.

CAMPOS, A.; MEDEIROS, J.; RIBEIRO, M. Escolas de luta. São Paulo: Veneta, 2016.

COSTA; GROppo (Orgs). O movimento das ocupações estudantis no Brasil. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

DAYRELL, J. ; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (Orgs). Juventude e Ensino Médio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ZIZEK, Slavoj; ALI, Tariq. Occupy. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2012.